



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LIBRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Leonardo Bordignon Sluzala

**Tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série Cidade
Invisível**

Florianópolis

2024

Leonardo Bordignon Sluzala

**Tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série Cidade
Invisível**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Libras do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues
Coorientador: Me. Tuan Peres

Florianópolis

2024

Ficha de identificação de obra elaborada pelo autor,
Através do programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sluzala, Leonardo Bordignon

Tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série Cidade Invisível / Leonardo Bordignon Sluzala ; orientador, Carlos Henrique Rodrigues, coorientador, Tuan Peres, 2024.

59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - LIBRAS, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - LIBRAS. 2. Legendas Descritivas. 3. Legendagem para Surdos e Ensurdecidos. 4. Tradução Audiovisual. 5. Acessibilidade Midiática. I. Rodrigues, Carlos Henrique. II. Peres, Tuan. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - LIBRAS. IV. Título.

Leonardo Bordignon Sluzala

Tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série Cidade Invisível

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras Libras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Libras – Bacharelado.

Florianópolis, 22 de junho de 2024.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Carlos Henrique Rodrigues, Dr.
Orientador

Prof. Tuan Peres, Me.
Coorientador

Prof.^a Vitória Tassara Costa Silva, M.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Wharley dos Santos, Me.
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2024

Aos meus amigos,
pelo apoio incondicional e o incentivo constante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus amigos mais próximos da comunidade surda, Gabriel, William, Willian e Robson, por, desde o início, sugerirem que eu ingressasse no curso e estudasse para me tornar um tradutor e intérprete de Libras-português. Sou muito grato aos amigos que fiz durante o curso e aos excelentes estudantes e profissionais que conheci durante estes quatro anos de graduação, em especial a Kariny.

Agradeço imensamente a oportunidade de, nestes quatro anos, ter conhecido e convivido com profissionais admiráveis e ter realizado projetos incríveis: obrigado à Cleusa e à Marinalva pela convivência e parceria nas maravilhosas ações de extensão de Literatura Surda e Introdução à Literatura Surda; obrigado ao Edilson e à Kariny por formar a melhor equipe de intérpretes no curso de Pesquisas em Línguas de Sinais; obrigado à Monise pela amizade e pelas inúmeras reflexões fazendo atividades juntos, além da representação da turma; obrigado à Michelle pelos momentos incríveis que passamos discutindo sobre legendagem descritiva no *Première Acessível*; obrigado à Paula e ao Héricles pelo posicionamento enquanto representantes e também pelas risadas das conversas informais.

Sou grato ao meu orientador, professor Carlos, por, dentre outros feitos, oportunizar minha participação no projeto *Première Acessível*, no qual pude conhecer e me apaixonar pela legendagem, e ao meu coorientador Tuan, idealizador do projeto, por aceitar o desafio de me guiar nesta jornada. Ainda, sou grato à Vitória por conduzir nossa equipe de legendagem descritiva e oportunizar discussões que mudaram minha visão sobre o tema e me inspiraram a realizar esta pesquisa. Agradeço também a todos os professores na minha jornada acadêmica, em especial à professora Carol, professor José e professor Wharley por serem modelos inspiradores.

“São os autores que fazem as literaturas nacionais,
mas são os tradutores que fazem a literatura universal”
(José Saramago)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo examinar como os sons da natureza são traduzidos para português brasileiro escrito nas legendas descritivas dos episódios da série *Cidade Invisível* e avaliar frequências de uso das estratégias de tradução adotadas nas legendas contendo sons deste grupo semântico. O desenvolvimento deste trabalho surgiu a partir da participação do autor no projeto de extensão *Première Acessível* e da complexidade percebida em realizar escolhas tradutórias nas legendas para estes sons de modo que fossem processadas rapidamente pelos espectadores com surdez. A pesquisa aqui desenvolvida mobilizou principalmente conceitos da área de Tradução Audiovisual e Acessibilidade Midiática e som no cinema, além de apresentar brevemente a noção de convencionalidade. Após expor alguns dos principais guias e normativas para legendagem descritiva, verificou-se quais orientações eram preconizadas em relação à tradução de sons. A metodologia empregada baseou-se na linguística de *corpus* e analisou as legendas de doze episódios da série *Cidade Invisível*, sendo sete da primeira temporada e cinco da segunda temporada, do qual foram selecionadas as traduções de sons da natureza, cuja classificação foi realizada em seis categorias relacionadas à origem do som no texto fonte (sons de fogo, chuva, trovões, vento, água e folhas) para favorecer a análise. Observou-se, de forma geral, uma frequência maior de traduções que utilizam colocações verbais de orações reduzidas no gerúndio e colocações nominais com locuções substantivas para o grupo semântico de sons da natureza. Embora, com base no *corpus* analisado, não tenha sido possível identificar padrões que sugerissem convenções, visto que as traduções verificadas foram diversas, notou-se uma frequência maior no uso de certas estruturas gramaticais em detrimento de outras em função da categoria do som traduzido.

Palavras-chave: Legendas Descritivas; Legendagem para Surdos e Ensurdidos; Tradução Audiovisual; Acessibilidade Midiática.

ABSTRACT

The purpose of this study is to examine the translation of nature sound effects in Brazilian Portuguese captions within the series *Cidade Invisível*. Captions were organized based on the origin of the sound in the source text and analysed for frequency and structural patterns. This research was inspired by the author's involvement in the captioning and subtitling project *Première Acessível*, where translating nature sound effects for the deaf and hard-of-hearing audience was frequently discussed. The study presents an overview of Audiovisual Translation, Media Accessibility and sound in cinema, including a brief introduction to phraseology. Once main captioning standards and norms were presented, segments of the subtitles of the fantasy series were chosen for closer inspection. Corpus linguistics formed the basis of the methodology, which encompassed all twelve episodes of *Cidade Invisível*, spanning both the first and second seasons. Nature sound effects were categorized into six types: fire, rain, thunder, wind, water, and leaves. The investigation found a high occurrence of two collocations across most categories: verbal collocations composed of sentences with verbs in the present continuous tense; and nominal collocations where two nouns are connected by a preposition. Although findings indicate that translations varied within the same category and the corpus size was insufficient to establish exact collocations, certain grammatical structures emerged as more prevalently employed than others in translating of nature sound effects in the captions.

Keywords: Captions; Subtitling for the Deaf and the Hard of Hearing; Audiovisual Translation; Media Accessibility.

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO:

Tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série Cidade Invisível

Leonardo Bordignon Sluzala
Orientador: Carlos Henrique Rodrigues
Coorientador: Tuan Peres



Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras Libras. 2024.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ej2UGbR36rs>



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de sons.....	31
Quadro 2 – Legendas com sons da natureza relacionados a fogo	40
Quadro 3 – Legendas com sons da natureza relacionados a chuva.....	43
Quadro 4 – Legendas com sons da natureza relacionados a trovões.....	44
Quadro 5 – Legendas com sons da natureza relacionados a vento.....	46
Quadro 6 – Legendas com sons da natureza relacionados a água	48
Quadro 7 – Legendas com sons da natureza relacionados a folhas.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade e porcentagem de legendas em cada episódio.....	39
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Audiodescrição
AM	Acessibilidade Midiática
ANCINE	Agência Nacional do Cinema
API	<i>Application Programming Interface</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
LBI	Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência
LC	Linguística de Corpus
LSE	Legendagem para Surdos e Ensurdecidos
MOLES	Modelo de Legendagem para Surdos
PGET	Pós-Graduação em Estudos da Tradução
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PL	Projeto de Lei
SDH	<i>Subtitling for the Deaf and the Hard of Hearing</i>
TAV	Tradução Audiovisual
TAVa	Tradução Audiovisual Acessível
UECE	Universidade Estadual do Ceará
VBI	<i>Vertical Blanking Interval</i>
VHS	<i>Video Home System</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA.....	16
1.2	OBJETIVO GERAL.....	17
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	17
2	DESENVOLVIMENTO	18
2.1	TRADUÇÃO AUDIOVISUAL.....	18
2.2	ACESSIBILIDADE MIDIÁTICA.....	20
2.3	LEGENDAGEM DESCRITIVA.....	23
2.3.1	Legislação básica sobre legendagem descritiva	24
2.4	O SOM NO CINEMA.....	26
2.5	GUIAS E NORMATIVAS PARA TRADUÇÃO DE SONS.....	29
2.5.1	NBR 15290	29
2.5.2	Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis	30
2.5.3	Guia de Estilo de Legendagem da Netflix	31
2.6	LINGUÍSTICA DE CORPUS.....	32
2.6.1	Convencionalidade	34
2.6.1.1	<i>Processamento cognitivo</i>	36
2.7	ANÁLISE DAS LEGENDAS.....	37
2.7.1	Análise quantitativa das legendas	37
2.7.2	Análise qualitativa das legendas	39
2.7.2.1	<i>Fogo</i>	39
2.7.2.2	<i>Chuva</i>	43
2.7.2.3	<i>Trovões</i>	44
2.7.2.4	<i>Vento</i>	45
2.7.2.5	<i>Água</i>	47
2.7.2.6	<i>Folhas</i>	49
3	CONCLUSÃO	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, dos mais de 190 milhões de brasileiros, aproximadamente 9,7 milhões possuem deficiência auditiva em algum grau, um montante que equivale a mais de 5% da população do país (IBGE, 2010). Outra coleta de dados mais recente, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2022 traz um número que, embora seja significativamente menor, ainda corresponde a uma parcela considerável da população brasileira, estimado em 1,2% dos brasileiros (IBGE, 2023). Estas pesquisas se baseiam na identificação do respondente em relação à dificuldade de audição, sendo considerada uma pessoa com deficiência auditiva¹ pela PNAD Contínua de 2022 aquela que avalia que tem muita dificuldade ou não consegue de modo algum ouvir, excluindo da categoria de pessoa com deficiência os que apresentam leve ou moderada dificuldade no domínio funcional da audição (IBGE, 2023).

Atualmente, há movimentos que representam a demanda da população com surdez² pela distribuição do cinema nacional com recursos de acessibilidade, como a campanha Legenda Nacional³, surgida em 2004 a partir da insatisfação de Marcelo de Carvalho Pedrosa com a ausência de recursos de acessibilidade em muitos dos filmes exibidos no Festival Audiovisual de Pernambuco (Silva; Faria, 2016). Devido a um cenário de cada vez mais pressão e pelo compromisso internacional do país em oferecer acesso à cultura e informação a todos, representado por, dentre outros acordos, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2009), é cada vez maior o número de filmes nacionais distribuídos com legendas descritivas em serviços de *streaming* e plataformas de vídeo, embora a oferta destes em salas de cinema siga sendo ínfima.

¹ Legalmente, considera-se uma pessoa com deficiência auditiva aquela que apresenta limitação, unilateral ou bilateral, na audição de modo a dificultar sua participação plena em pé de igualdade com as outras pessoas. Considerando a média aritmética, o valor referencial da perda de uma pessoa com deficiência auditiva é de 41 dB ou mais nos exames de audiometria de 500 Hz, 1000 Hz, 2000 Hz e 3000 Hz (BRASIL, 2023a).

² A diferença entre *surdo* e *pessoa com deficiência auditiva* vai além da perda auditiva. Para os *surdos*, a surdez é uma diferença cultural e linguística, com sua própria língua (Libras), identidade e comunidade, enquanto para as *pessoas com deficiência auditiva*, a surdez mobiliza uma busca para a recuperação da audição e a integração com o mundo ouvinte, priorizando a comunicação oral e o uso de próteses e implantes (Rodrigues, 2011). Neste trabalho, utiliza-se o termo (*pessoas*) *com surdez* para representar o grupo composto por surdos e pessoas com deficiência auditiva.

³ Desta campanha surgiu o lema “Legenda para quem não ouve, mas se emocional!” e o *site*: <https://www.legendanacional.com.br/> (LEGENDA NACIONAL, 2024).

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema aconteceu devido à minha participação no projeto de extensão *Première Acessível*⁴, idealizado e organizado por Tuan Peres, estudante de doutorado da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), com coordenação do professor Carlos Henrique Rodrigues e da professora Silvana Aguiar dos Santos, no qual, junto à também acadêmica Michelle Moser Ern, integrei a equipe que faria legendagem descritiva⁵ de longas-metragens selecionados que ainda não contavam com esse recurso, a ser realizada sob supervisão de Vitória Tassara Costa Silva, estudante de doutorado da PGET. A atuação no projeto despertou meu interesse por oportunizar mais práticas de tradução a nós, acadêmicos de um curso que, ainda que seja de renome, carece de experiências que nos coloquem mais próximos às demandas do mercado de trabalho.

Apesar de já existirem pesquisas e sugestões de como as músicas e sons produzidos por humanos devem ser representados em traduções intersemióticas para legendas (Nascimento, 2018), durante minha participação no projeto, surgiram dúvidas de como os sons da natureza poderiam ser traduzidos na legendagem descritiva e este foi um dos pontos de discussão mais recorrente nas nossas reuniões. Afinal, qual o tempo verbal mais adequado de um verbo na legenda que é utilizada para traduzir um som? Quais palavras serão reconhecidas e processadas mais rapidamente pela audiência e, em especial, pelos espectadores surdos? Há algum tipo de padrão que poderia guiar legendistas em suas traduções de sons? Estas foram algumas das questões levantadas nas reuniões do *Première Acessível* e que me despertaram o interesse por essa investigação realizada neste Trabalho de Conclusão de Curso.

⁴ O projeto foi iniciado em abril de 2020 e é constituído por discentes de graduação e pós-graduação, docentes e técnicos administrativos. Atualmente o *Première Acessível* é uma das atividades de curricularização da extensão no curso de Letras Libras EaD da UFSC e conta com apoio da Secretaria de Cultura, Arte e Esporte, por meio de Bolsa Cultura da UFSC, e da Pró-Reitoria de Extensão da UFSC, por meio do Programa de Bolsas de Extensão (Rodrigues; Tassara; Peres, 2023).

⁵ A legendagem descritiva é o termo atualmente utilizado para se referir ao que era conhecido como Legenda para Surdos e Ensurdecidos. Esta forma de legenda inclui detalhes sobre efeitos sonoros, trilhas musicais, ruídos ambientes, pausas importantes e características paralinguísticas que são reconhecidas pela entonação ou sons não verbais, além da identificação dos interlocutores (ANCINE, 2018).

Ao entrar em contato com trabalhos que evidenciam que a linguagem formulaica — conjuntos de palavras frequentemente utilizados e reconhecidos por falantes como uma unidade — é processada mais rapidamente (Wood, 2015), as dúvidas acerca da existência de alguma tendência na maneira como os legendistas retratam sons da natureza apareceram e a possibilidade de que o uso dessas convenções possa aprimorar a leitura e a interpretação do público guiaram investigação realizada. Dentro desta hipótese, a familiaridade com certas frases ou combinações de palavras poderia influenciar na velocidade de leitura e interpretação das legendas.

A escolha da série *Cidade Invisível* se deu pela sua disponibilidade na plataforma Netflix, à qual tenho acesso, e por ser uma obra recente, do ano de 2021, que conta com legendas descritivas disponíveis para todos os episódios. Ainda, por tratar de tema relacionado a lendas e folclore brasileiro, a série tem potencial de oferecer uma amostra significativa de traduções de sons da natureza.

1.2 OBJETIVO GERAL

Investigar a tradução de sons da natureza, como produto, nas legendas descritivas na primeira e segunda temporadas da série *Cidade Invisível*, disponível na plataforma de transmissão de vídeos Netflix.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- listar as políticas de acessibilidade referentes à legendagem descritiva em filmes nacionais;
- comparar os principais guias e orientações de acesso livre sobre a legendagem descritiva e suas diretrizes acerca da tradução de sons da natureza;
- avaliar frequências de uso para a tradução de sons da natureza em legendas descritivas da série *Cidade Invisível*.

2 DESENVOLVIMENTO

Esta seção discorre sobre os conceitos essenciais que embasam a pesquisa deste estudo, fornecendo inicialmente definições de Tradução Audiovisual e suas peculiaridades comparadas à tradução textual. Procede-se com uma explanação sobre Acessibilidade Midiática, evoluções recentes no campo e introdução à Tradução Audiovisual Acessível. A seguir, trata-se da legendagem descritiva e das leis pertinentes. Discussões subsequentes focam no impacto do som no cinema e diretrizes para a legendagem descritiva, especificamente na tradução de efeitos sonoros. Discorre-se ainda sobre a metodologia da Linguística de Corpus e como as convenções, em especial, as colocações, podem beneficiar a agilidade de leitura e entendimento de textos, estendendo os resultados dos estudos encontrados às legendas. Finaliza-se com a análise de legendas da série Cidade Invisível, classificando-as em seis categorias conforme a origem do som no texto-fonte e buscando semelhanças entre a maneira como os sons da natureza foram traduzidos em cada categoria.

2.1 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

A atividade de Tradução Audiovisual (TAV) surgiu a partir de diversas práticas iniciais, como a tradução dos intertítulos nos filmes mudos, a distribuição de folhetos explicativos, os comentadores que narravam e interpretavam as cenas, entre outras. Essas práticas respondiam à necessidade de tornar acessíveis aos espectadores os filmes importados, geralmente em idiomas diferentes dos seus (O'Sullivan; Cornu, 2019). A TAV ganha uma diversidade maior com o advento dos filmes sonorizados, na década de 1920, com o objetivo de garantir uma tradução para os filmes importados, principalmente aqueles advindos da indústria cinematográfica estadunidense (Remael, 2010). No princípio, o termo TAV era, conforme Díaz-Cintas (2005, p. 4, tradução nossa), utilizado para descrever “[...] uma série de práticas de tradução utilizadas na mídia audiovisual — cinema, televisão, VHS — na qual há

transferência de uma língua-fonte a uma língua-alvo”⁶, dentre as mais corriqueiras, a dublagem e a legendagem.

A transição de mídias analógicas para digitais não afetou apenas a produção e consumo de textos e recursos audiovisuais, mas também a maneira como os profissionais do cenário audiovisual utilizam as novas tecnologias. A TAV, como muitas atividades humanas que se baseiam na tecnologia, passou por transformações significativas, particularmente nas últimas três décadas: profissionais do setor migraram de tecnologias analógicas, como o VHS, para os serviços de DVD e, mais recentemente, também tiveram que se adaptar às plataformas de *streaming*, que se tornaram grandes distribuidoras de material audiovisual, expandindo o escopo de trabalho além dos clientes tradicionais — distribuidoras de filmes e produtoras de televisão (Nikolic; Bywood, 2021).

A tecnologia digital tem transformado profundamente as práticas de produção e tradução, além de revolucionar a distribuição e o consumo de produtos audiovisuais. Com a crescente mobilidade dos suportes midiáticos, os espectadores não estão mais restritos a espaços previsíveis de exibição. É cada vez mais comum que pessoas utilizem seus computadores, telefones celulares e *tablets* para acessar conteúdos audiovisuais, evidenciando a flexibilidade e a diversidade de formas de consumo na era digital (Chaume, 2018; Nikolic; Bywood, 2021).

Ainda que também lide com a transferência entre línguas, a TAV difere da tradução de textos escritos por lidar com signos verbais e não verbais em canais de comunicação sonoros e visuais (Remael, 2010; Zabalbeascoa, 2008). Exatamente por essa natureza multimodal, a TAV foi por anos questionada como tradução, muitas vezes categorizada como uma espécie de adaptação (Martinez, 2021) e ainda é frequentemente abordada através das concepções desenvolvidas pelos teóricos do conceito de Tradução Constrita (Remael, 2010). A Tradução Constrita é uma abordagem de tradução que entende que, ao lidar com textos compostos por diversos canais, a atividade do tradutor torna-se constrita e limitada pelas condições impostas por esses canais (Mayoral; Kelly; Gallardo, 1988), o que, no caso da legendagem, está relacionado à necessidade de subordinação ao tempo de fala na tela. O próprio reconhecimento da TAV como uma disciplina independente e como um campo de

⁶ “In its primary inception, AVT was used to encapsulate different translation practices used in the audiovisual media – cinema, television, VHS – in which there is a transfer from a source to a target language” (Díaz-Cintas, 2005, p. 4).

estudo só se deu mais recentemente, entre a década de 1980 e 1990 (Perego; Pacinotti, 2020).

Conforme Díaz-Cintas (2004), os primeiros artigos a abordarem o tema da TAV surgiram entre as décadas de 1950 e 1960. Entretanto, um marco simbólico e significativo foi a edição especial da revista *Babel* sob o título *Cinéma et traduction*, publicada em 1960 (Díaz-Cintas, 2004). Apesar de ter enfrentado um período escasso de publicações na década de 1970, nos anos 1990 iniciou-se a era de ouro da TAV, com uma série de trabalhos acadêmicos explorando este campo do conhecimento (Díaz-Cintas, 2004). Somente no dia 15 de novembro de 2018, o campo da TAV ganhou sua primeira revista dedicada, o *Journal of Audiovisual Translation*, e atualmente o campo é reconhecido como um dos mais férteis nos Estudos da Tradução (Martinez, 2021).

2.2 ACESSIBILIDADE MUDIÁTICA

O reconhecimento da Acessibilidade Midiática (AM) como uma área acadêmica é relativamente recente no Brasil. Embora conexões explícitas entre acessibilidade e a TAV tenham sido traçadas anteriormente à caracterização desta como uma área de estudos, a história acadêmica da AM começou a se tornar mais sólida entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000 (Greco; Jankowska, 2020). Greco (2018) afirma que o campo da AM sofreu uma mudança de paradigma em três frentes diferentes: de uma *noção particularista* para uma *noção universalista*; de uma *abordagem centrada no criador* para uma *abordagem centrada no usuário*; e de *abordagens reativas* para *abordagens proativas*.

A primeira mudança, que vai da *noção particularista* para a *noção universalista* implica em uma ampliação do entendimento sobre quem é beneficiado pela acessibilidade, uma vez que, anteriormente, a acessibilidade era pensada em relação a grupos específicos de pessoas — como as pessoas com deficiência —, mas que, sob a perspectiva universalista, passou-se a considerar a acessibilidade como relevante para todas as pessoas da sociedade, transformando-a em um interesse de todos os seres humanos (Greco, 2018). Um exemplo que ilustra esta mudança de paradigma, conforme Romero-Fresco e Dangerfield (2022), é o uso das legendas para surdos e ensurdecidos, que inicialmente foram pensadas para os usuários com deficiência auditiva, mas que são hoje em dia são amplamente utilizadas por vários

outros espectadores, mesmo por aqueles que não apresentam dificuldades de audição.

Conforme Greco e Jankowska (2020), o crescente interesse pela acessibilidade, juntamente com uma longa história de falhas, tem evidenciado a importância dos saberes dos usuários, que não podem mais ser ignorados em detrimento de uma verdade única dos conhecimentos do criador, o que resultou em uma mudança da *abordagem centrada no criador* para a *abordagem centrada no usuário*. Uma consequência que repercute esta mudança são os cada vez mais frequentes estudos de recepção, que objetivam compreender como o usuário recebe um determinado produto ou elemento, citam-se, como exemplo, as pesquisas de recepção de legendagem para surdos e ensurdecidos de Araújo, Vieira e Monteiro (2013), Oliveira (2022), além do estudo de recepção de legendas em jogos conduzido por Mangiron (2016).

As *abordagens reativas* consistem em tratar as preocupações de acessibilidade após a criação do artefato, adotando soluções na pós-produção, como adaptações específicas ou complementos em resposta a problemas identificados posteriormente, de forma a buscar solucioná-los à medida que surgem, após a conclusão do *design* ou desenvolvimento inicial (Greco, 2018). Por outro lado, o autor explica que a *abordagem proativa* implica considerar a acessibilidade desde o início do processo de *design*, incorporando preocupações de acessibilidade desde as fases iniciais do planejamento e desenvolvimento do artefato, o que significa adotar uma postura antecipatória, na qual as necessidades dos usuários são consideradas desde o início, permitindo que o *design* do artefato seja concebido com a acessibilidade em mente desde o início, minimizando a necessidade de ajustes posteriores e garantindo uma experiência mais inclusiva para todos os usuários.

Em se tratando de legendagem, Greco e Jankowska (2020) afirmam que esta tem sido uma modalidade frequentemente relegada às abordagens reativas, geralmente só considerada em estágios posteriores do processo de produção audiovisual ou até mesmo após a conclusão do artefato final, limitando assim a capacidade de implementar soluções abrangentes de acessibilidade, como em abordagens proativas, e resultando frequentemente em acesso parcial ou mesmo inacessibilidade.

Embora inicialmente fosse considerado um subdomínio da TAV e estivesse fortemente restrito aos Estudos da Tradução, o campo da AM sofreu um processo de

emancipação, inclusive abarcando o estudo de modalidades de serviços que não estão relacionadas com a tradução (Greco; Jankowska, 2020). Conforme Greco e Jankowska (2020), podemos classificar os serviços de AM naqueles que são baseados em tradução e nos que não são baseados em tradução. Dentre aqueles baseados em tradução, estão, por exemplo, a audiodescrição, a dublagem, a tradução de línguas de sinais, o *voice-over*, a legendagem e o que os autores, anteriormente citados, denominam de legendagem enriquecida (*enriched subtitles*). Já nas modalidades que não são baseadas em tradução, como alguns exemplos, citam-se os programas de leitura de tela e as reproduções táteis.

Ainda que a aceção adotada inicialmente da TAV como prática de tradução entre línguas baseada em material audiovisual seja abrangente, pesquisadores da área de tradução logo esbarraram em atividades exercidas profissionalmente que não se encaixavam na definição original pelo fato de nem sempre envolverem a reformulação entre duas línguas, como a legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e a audiodescrição para cegos (AD) (Díaz-Cintas, 2005).

O argumento de Díaz-Cintas (2005) utilizado para trazer estas práticas para o campo da TAV foi encontrado no trabalho de Jakobson (2007, p. 64-65, grifo do autor) uma das mais tradicionais taxonomias da tradução e que classifica as práticas tradutórias em três categorias:

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação (rewording)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Sendo assim, a legendagem descritiva, tal como outras práticas de legendagem, é uma tradução que pode estar ligada às três categorias: (1) ela é uma tradução intralingual, na medida que traduz os signos verbais da modalidade oral para a modalidade escrita, reformulando-os; (2) é uma tradução interlingual quando é feita de uma língua para outra; e (3) é uma tradução intersemiótica ao traduzir signos acústicos não verbais — como música e sons da natureza — e componentes paralinguísticos — como o tom de voz — para a modalidade escrita (Neves, 2005; Assis, 2016).

No Brasil, muitos estudos que envolvem análise de traduções de legendas descritivas voltadas a pessoas com surdez e sua recepção por estes espectadores estão atrelados ao campo da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). Conforme

discorrem Araújo e Alves (2017), o que se denomina como TAVa é uma subárea da TAV que abrange pesquisas sobre variadas práticas intra e interlinguais de tradução, marcados pela interação entre som e imagem, com foco na sua recepção por pessoas com deficiência. A TAVa é composta principalmente por três modalidades: a audiodescrição, a janela com tradução ou interpretação com línguas de sinais e a legendagem para surdos e ensurdecidos.

A audiodescrição (AD) é definida como uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica voltada às pessoas com deficiência visual, nela há a inserção de uma locução descrevendo as ações, estados emocionais, figurinos e caracterização dos personagens (Naves; Mauch; Alves; Araújo, 2016). Já a janela com tradução ou interpretação de línguas de sinais constitui em um espaço reservado na tela, no qual é exibida a tradução para uma língua de sinais, simultaneamente à reprodução do vídeo (Naves; Mauch; Alves; Araújo, 2016). Por fim, a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos traduz em texto escrito as falas na produção audiovisual, identificando personagens, efeitos sonoros, músicas e sons quando pertinente (Naves; Mauch; Alves; Araújo, 2016).

2.3 LEGENDAGEM DESCRITIVA

A legendagem descritiva, assim como seu termo concorrente predominante no cenário acadêmico brasileiro, a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE)⁷ — do inglês, *Subtitling for the Deaf and Hard of Hearing (SDH)* —, se caracteriza pela adição de principalmente dois tipos de informações: a identificação dos falantes e dos efeitos sonoros (Nascimento, 2018). A primeira é relevante porque os espectadores com surdez podem ter dificuldade em distinguir quem está falando, principalmente se o rosto dos enunciadores não é visível. Já a tradução dos efeitos sonoros se faz necessária porque estes têm a função de informar ao espectador sobre elementos relevantes da cena que não são visíveis ou que dependem do som para serem

⁷ Note-se que os termos *legendagem descritiva* e *Legendagem para Surdos e Ensurdecidos* não são sinônimos, mas refletem diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre a prática da legendagem, bem como diferentes demandas e preferências dos usuários. Neste trabalho, optou-se pelo uso de *legendagem descritiva*, por ser considerado um termo mais inclusivo e abrangente, que contempla não apenas as pessoas com surdez, mas também outros públicos que podem se beneficiar das legendas, removendo o estigma da deficiência (Neves, 2019).

compreendidos, pois o som é um elemento de significação essencial no cinema (Nascimento, 2017).

O uso do termo LSE é amplamente difundido no contexto acadêmico brasileiro, embora sua adequação seja questionada pela restrição a uma audiência específica, bem como pela homogeneização das preferências e necessidades desta, não englobando completamente aqueles com privação temporária da audição, idosos, pessoas com transtornos de aprendizagem ou simplesmente indivíduos que estejam momentaneamente assistindo a um vídeo sem acesso ao áudio, como um paciente que assiste à televisão aguardando na sala de espera a uma consulta. Recentemente, conforme aponta Peres (2023), há uma tendência crescente de utilizar termos alternativos, como *legendagem descritiva* e *legendagem enriquecida*, para descrever essa prática, contemplando uma variedade maior de audiências.

Ainda que a língua de conforto⁸ de boa parte dos surdos brasileiros sinalizantes urbanos não seja o português, e sim a Libras, entrevistas realizadas por Faria e Silva (2016) com surdos verificam que as legendas são em alguns contextos melhor recebidas que as traduções audiovisuais em Libras, em especial quando estas não permitem personalização de tamanho e quando não oferecem tradução de sons não verbais.

2.3.1 Legislação básica sobre legendagem descritiva

Um dos primeiros instrumentos legislativos que versa sobre acessibilidade em meios audiovisuais, no Brasil, é a portaria 310 de 2006 do Ministério das Comunicações, que trata de recursos como dublagem, legenda oculta⁹ e audiodescrição em língua portuguesa. Esta portaria estabelecia um prazo de 11 anos a partir de sua publicação para que toda a programação de serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão contem com estes recursos de acessibilidade. Apesar de um primeiro passo muito importante, o documento reitera que se deve ofertar uma legenda que corresponda a “*transcrição*, em língua

⁸ De acordo com Santiago e Andrade (2013), o conceito de conforto linguístico refere-se à condição de alguém que se comunica e se relaciona com o mundo usando uma língua que lhe é própria e intuitiva, proporcionando a habilidade de entender e de interpretar o mundo de forma abrangente e significativa, além de conferir capacidade para construir sentido nas expressões proferidas nesse idioma.

⁹ Legenda Oculta é a transcrição em português de conversas, efeitos sonoros, sons do ambiente e outras informações inacessíveis a indivíduos com deficiência auditiva que é veiculada por meio da linha 21 do *Vertical Blanking Interval* (VBI) (BRASIL, 2006).

portuguesa, dos diálogos, efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva” (Brasil, 2006, grifo nosso), o que se contrapõe à visão mais atual de que, ao condensar a fala, reorganizar as sentenças e explicitar os sons relevantes (tradução de som), se está, de fato, traduzindo (Nascimento, 2018).

Um segundo documento importante que se refere a instrumentos de AM é a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que exige que os serviços de radiodifusão sejam capazes de transmitir legenda oculta, janela com intérprete/tradutor de Libras e audiodescrição (Brasil, 2015). Entretanto, como aponta Nascimento (2018, p. 45) “[...] a legislação não torna obrigatória a difusão dos recursos de acessibilidade, apenas que [serviços de radiodifusão] devem ser capazes de fazê-lo”. Ainda, no artigo 73, a LBI determina que é responsabilidade do poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, prover formação profissional para a produção desses recursos.

Nos anos que se seguem, uma série de projetos de lei (PL) foram criados na tentativa de tornar a legendagem descritiva obrigatória, seja através de novas leis ou alterações em dispositivos já existentes. No ano de 2019, foi apresentada uma proposta de projeto de lei (PL 4848/219¹⁰), que sugere alterações na Lei n.º 10.098 de 19 de dezembro de 2000 para obrigar o distribuidor de obras cinematográficas a ofertar cópias com recursos de legendagem descritiva aos exibidores da primeira janela (Brasil, 2019). Embora tente atender a uma demanda social, o texto do PL 4848/219 preocupa ao considerar que a legenda descritiva deve ser incluída apenas na primeira janela — ou seja, apenas no primeiro período de exibição pública com exclusividade, geralmente, no cinema —, desobrigando que este recurso esteja presente em segunda janela, como na televisão ou *streaming*.

Em 2020, foi proposto o PL n.º 5145¹¹, que faz alterações na LBI para incluir a legendagem descritiva na exibição de filmes em salas de cinema no país, cujo Art. 44-A propõe que

as obras cinematográficas exibidas comercialmente no País, ainda que produzidas originalmente em língua portuguesa ou nela dubladas, tornarão disponível, nesse idioma, o recurso de legendagem descritiva. Parágrafo

¹⁰ <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/138499>

¹¹ <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/145405>

único. As salas de cinema exibirão a legendagem descritiva na tela de projeção, nas sessões em que esse recurso for solicitado. (Brasil, 2020)

Embora ainda em tramitação, o PL traz avanços ao propor obrigatoriedade da legendagem descritiva nas produções fílmicas inclusive naquelas em que o recurso da legendagem não é adição comum, como as obras produzidas em língua portuguesa ou dubladas neste idioma.

Mais recentemente, em setembro de 2022, a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) lançou a Instrução Normativa n.º 165, que substitui a antiga Instrução Normativa n.º 128, não fornecendo mais critérios claros de número mínimo de equipamentos voltados ao suporte de conteúdo acessível em salas de exibição, como na normativa anterior, e adotando um princípio de “proporcionalidade e razoabilidade” (ANCINE, 2022), retrocesso que foi questionado inclusive pela Associação dos Servidores Públicos da ANCINE, que moveu uma denúncia ao Ministério Público Federal e ao Ministério dos Direitos Humanos (ANCINE..., 2022).

No ano passado, o PL 680/2023¹² da Câmara dos Deputados propôs uma adição na Lei de Libras (Lei 10.436 de 24 de abril de 2002) que instituiria a obrigatoriedade das legendas descritivas em “[...] meios de comunicação que utilizam áudio em geral nas transmissões pela televisão aberta e por assinatura, nos filmes, na rede mundial de computadores e em qualquer outra espécie de plataforma” (Brasil, 2023b). Este projeto encontra-se no momento em regime de prioridade na Câmara dos Deputados, apensado ao PL 2101/2015.

2.4 O SOM NO CINEMA

Ainda que, ano após ano, a tecnologia tenha permitido um contínuo desenvolvimento na maneira como os sons são produzidos e integrados às obras fílmicas, Chion (1994) reconhece que, muitas vezes, predomina na sociedade a visão imprecisa de que o som é um coadjuvante no cinema, servindo apenas como um elemento que acompanha as imagens. A impressão que o espectador pode ter de que o som serve apenas para explicitar um sentido já apresentado pelas imagens é chamada pelo autor acima citado de *valor acrescentado*. Mais do que somente complementar a imagem projetada na tela, o som é um elemento importante que pode

¹² <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2349360>

direcionar e alterar a maneira como se compreende e se percebem as imagens (Chion, 1994).

Chion (1994) caracteriza o termo *acusmática* como um som ouvido por uma audiência sem que esta possa ver a sua origem, o que não implica que ele não possa ser identificado, uma vez que existe uma facilidade na identificação de materiais que originam sons, afinal materiais como papel, metal, pedra, entre outros, apresentam uma assinatura sonora única, de fácil distinção (Flückiger, 2009). Não somente o material da origem de um som pode ser identificado, como também o estado de um material e suas condições, como quando diferenciamos um som de chuva, rio e gelo (Flückiger, 2009). O principal objeto de estudo desta pesquisa, os sons da natureza traduzidos na legendagem descritiva, são, na maioria das vezes, sons *acusmáticos*, pois muitas vezes são traduzidos quando não podem ser inferidos visualmente.

Um som acusmático pode ser apresentado em um filme de diferentes maneiras. O som pode ser associado com uma imagem apresentada previamente, tornando-o um som *visualizado*, e depois acusmatizado, o que replica na mente do espectador a imagem da origem deste som cada vez que ele é reproduzido nas próximas ocorrências (Chion, 1994). Em contrapartida, uma situação muito comum para manter um ar de mistério e expectativa nos filmes, é a apresentação de um som acusmático antes que ele seja visualizado, o que, conforme Chion (1994, p. 72, tradução nossa) “[...] mantém suspense, constituindo-se em uma técnica dramática por si só”¹³.

Sons podem ser classificados também de acordo com a visualização da sua fonte em tela e à ação narrativa ficcional no filme. De acordo com Chion (1994): um *som em tela (onscreen)* é aquele pertencente à realidade representada na tela em imagens que tem sua fonte visível, o que o torna também um som visualizado; de maneira oposta, um *som fora da tela (offscreen)* é definido como aquele som cuja fonte não é visualizada na tela, seja temporariamente ou não, e que é, portanto, um som acusmático; a terceira categoria engloba sons chamados de *não diegéticos*, cuja fonte não pertence nem ao que é visualizado em tela, nem à realidade fílmica da trama, nesta categoria estão inclusos sons como comentários, narração em *voiceover* e a trilha sonora musical. Já Nascimento (2013), enfatiza que sons *onscreen* e sons *offscreen* teriam suas definições alheias aos conceitos de som *diegéticos* e *não*

¹³ “The acousmatic sound maintains suspense, constituting a dramatic technique in itself” (Chion, 1994, p. 72).

diegéticos, sendo que um som diegético ocorre na ação narrativa ficcional do filme e um som não diegético, de maneira oposta, não está inserido no espaço da narrativa, embora possa contribuir para o desenvolvimento da trama. Um som pode, portanto, ser *offscreen* e diegético, como, por exemplo, quando um personagem do filme reage em pânico ao som de uma batida de carro sem que esta seja vista pelo espectador.

Por acreditar que as três categorias de sons (*offscreen*, *onscreen* e não diegéticos), inicialmente apresentadas em seu trabalho anterior, *Le Son au cinema*, não seriam suficientes para categorizar os diferentes tipos de elementos na trilha sonora de um filme, Chion (1994) apresenta uma subcategorização de sons diegéticos: o *som ambiente*, *som interno* e *som no ar* (*on the air*). O som ambiente, também chamado de som territorial, corresponde àquele som que envolve o espaço da cena, mas que não necessita que o espectador o visualize para fazer associação com uma imagem, como, por exemplo, som de sinos fazendo referência à ambiência de uma igreja. Já o que é denominado como som interno corresponde aos ruídos relacionados com o interior mental e físico de um personagem, e são subclassificados em *interno-físico* (sons fisiológicos de respiração, batimentos cardíacos, etc.) e *interno-mental* (vozes mentais, lembranças, etc.). Por fim, Chion (1994) situa ainda o som no ar (*on the air*), que corresponde àquele que conta com o intermédio de um aparelho eletrônico, por exemplo, um rádio ou um telefone.

Nas legendas descritivas, além dos diálogos com identificação de falantes, é muito comum que os efeitos sonoros fora de tela (*offscreen*) — apesar de alguns sons em tela (*onscreen*) também necessitem de representação por não serem possíveis de inferir visualmente — sejam traduzidos, visto que o espectador com surdez ou aqueles que não tem acesso ao som durante a reprodução da obra audiovisual, de modo geral, não conseguirão ter acesso àquela informação que seria veiculada somente no canal auditivo. Em outro ponto de vista, pode-se dizer que os sons ambientes, categoria que inclui os sons da natureza, em especial os diegéticos, objeto principal de estudo deste trabalho, necessitam de tradução quando forem relevantes à trama. Também são responsabilidade da tradução da legendagem descritiva os sons internos, tanto interno-físicos (quando relevantes à trama), como interno-mentais com identificação de falantes. Sons no ar (*on the air*) também são usualmente identificados na legendagem descritiva para que a audiência compreenda que sua origem não advém de uma voz humana natural, por exemplo.

2.5 GUIAS E NORMATIVAS PARA TRADUÇÃO DE SONS

Os guias e normas de legendagem desempenham um papel crucial na definição dos padrões técnicos e práticas profissionais adotadas na produção de legendas para conteúdos audiovisuais. Enquanto algumas diretrizes são baseadas em pesquisas acadêmicas sobre TAV, como indicado por Araújo e Nascimento (2011), outras são mais influenciadas pela prática profissional e pelas demandas do mercado. Conforme expõe Peres (2023), existem diretrizes discrepantes no que se refere aos parâmetros técnicos na legendagem tradicional, que refletem as diferentes práticas profissionais neste campo. A seguir, são apresentados alguns guias e normativas de legendagem descritiva que orientam como deve ser feita a tradução dos sons em obras audiovisuais. Serão apresentadas a Norma Técnica NBR 15290 de 2016, o Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (2016) e o Guia de Estilo da Netflix.

2.5.1 NBR 15290

Uma das principais normativas que direcionam olhares técnicos de recursos de acessibilidade direcionados à programação televisiva, a NBR 15290 de 2016 (ABNT, 2016), versa não somente sobre as legendas descritivas, mas também sugere parâmetros para serem seguidos na aplicação de janelas com interpretação ou tradução de Libras e audiodescrição. É importante mencionar que a NBR 15290 aqui analisada é uma atualização da sua primeira versão, datada de 2005. Essa normativa revela, em seu texto que se baseia nos princípios do Desenho Universal (ou *Design Universal*), uma série de recomendações criadas por um grupo de pesquisadores para tornar produtos e ambientes mais acessíveis e usáveis por um maior número de pessoas.

O Desenho Universal se baseia em sete princípios, que também são citados nas primeiras páginas da NBR 15290: equiparação nas possibilidades de uso, flexibilidade no uso, uso simples e intuitivo, captação da informação, tolerância para o erro, e dimensão e espaço para uso e interação (Connel et al., 1997). Embora a fundamentação no Desenho Universal seja interessante, pesquisadores como Udo e Fels (2010) advogam que a legendagem descritiva não seja necessariamente um exemplo de aplicação do Design Universal, visto que a comercialização desses serviços é problemática, pois muitas vezes são vistos apenas como obrigações para

cumprir regulamentações. Além disso, a flexibilidade de uso é limitada, uma vez que se prioriza a conformidade de baixo custo em detrimento da qualidade (Udo; Fels, 2010). Ainda, de acordo com Udo e Fels (2010), erros nas legendas, em especial nas legendas ocultas geradas ao vivo (*closed captions*), podem ser comuns, e muitas vezes há pouca oportunidade de correção imediata.

A NBR 15290 sugere parâmetros para a porcentagem de acertos no sistema ao vivo e pré-gravado, alinhamento, número de linhas, posicionamento, dentre outros. Com relação à tradução de sons, há apenas a indicação de que aqueles que sejam importantes para a compreensão devem ser transcritos entre colchetes, iniciando com letras maiúsculas (ABNT, 2016). Contudo, a norma técnica não define os critérios para classificar um som como candidato à tradução e não detalha um padrão na forma como estes sons devem ser traduzidos.

2.5.2 Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis

Sob a justificativa de que, mesmo com financiamentos, patrocínios e incentivos, a produção audiovisual brasileira ainda é negada a parte da população brasileira, o Ministério da Cultura lançou em 2016 o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis*, que discorre sobre orientações para elaboração de audiodescrição, janela com línguas de sinais e LSE. O guia apresenta de forma didática os padrões técnicos, linguísticos e tradutórios da legendagem, versando sobre parâmetros como número de linhas, formato, duração, velocidade e posição, além daqueles exclusivos à LSE, como identificação de falantes e tradução de efeitos sonoros (Naves; Mauch; Alves; Araújo, 2016)

Em relação à tradução de sons, as autoras apresentam a classificação de Nascimento (2013) que identificou frequências de uso das representações de sons e as classificou nas categorias: sons causados pelo homem, sons causados por objetos, sons causados por animais, sons da natureza, sons ficcionais, silêncio, música de fosso (não diegética), música de tela (diegética), música qualificada, e música não qualificada. Sons da natureza são delimitados como causados por elementos da natureza, como vento, trovão e chuva. Conforme exemplos trazidos no documento e

adaptados da pesquisa de Nascimento (2013), parece existir uma preferência pelo uso de colocações nominais¹⁴ sobre orações ou substantivos.

Quadro 1 – Categorias de sons

Tipo de som	Exemplo
Som da natureza	vento soprando de fundo
Som causado por animais	cabras balindo
Som causado pelo homem	confusão de vozes
Som ficcional	batidas
Som causado por objeto	batidas na porta
Silêncio	silêncio
Instrumento Musical	violinos animados
Música de fosso	música dramática
Música em tela	música clássica
Música qualificada	música de suspense
Música não qualificada	música começa

Fonte: Naves, Mauch, Alves e Araújo (2016) adaptado de Nascimento (2013)

2.5.3 Guia de Estilo de Legendagem da Netflix

A Netflix é uma companhia estadunidense fundada, em 1997, em Los Gatos, Califórnia, que oferece um serviço de transmissão (*streaming*) de filmes e séries por assinatura, desde 2010, e configura-se, hoje, como uma das líderes neste tipo de serviço, com mais de 232 milhões de assinantes ao redor do mundo, contabilizados em março de 2023 (Netflix, 2024a). Assim como outras empresas do ramo, por adquirir diversas obras audiovisuais de diferentes países e até mesmo produzir algumas, a empresa necessita manter um padrão mínimo de qualidade nas suas legendas, assegurado pela criação de um guia de estilo, disponibilizado gratuitamente na sua Central de Ajuda para Parceiros (Netflix, 2024b).

A seção dedicada a LSE no *Guia de Estilo de Legendagem da Netflix* explicita algumas orientações a respeito de como as legendas descritivas devem ser apresentadas. As indicações vão desde precisão de conteúdo e limites na velocidade de leitura a identificação de falantes e tradução de sons. Os dois últimos devem,

¹⁴ Colocações são, conforme Tagnin (2013), combinações léxico-sintáticas consagradas de duas ou mais palavras que possuem características essenciais, como recorrência, arbitrariedade e convencionalidade. Colocações nominais referem-se a combinações formadas por dois substantivos, nos quais pelo menos um deles é convencionalizado.

conforme orientado pela empresa, ser representados sempre entre colchetes e em letras minúsculas, à exceção de nomes próprios, que devem ser grafados com a inicial maiúscula (Netflix, 2024b). Interessantemente, aparecem algumas orientações com relação aos verbos utilizados nas legendas. O guia recomenda o uso do presente do indicativo para traduzir sons que foram emitidos durante o tempo de apresentação da legenda, como “[porta fecha]” e o uso do gerúndio para a tradução de sons que seguem sendo emitidos, mesmo após o desaparecimento da legenda, por exemplo “[telefone tocando]” (Netflix, 2024b).

Outra diretriz interessante no guia refere-se à orientação de que os efeitos sonoros representados nas legendas devem ser pertinentes à narrativa, dando a entender que aqueles que não trazem informação relevante não demandam sua tradução (Netflix, 2024b). Ainda, o *Guia de Estilo* sugere que, mesmo que um som esteja trazendo informações relevantes à trama, se ele pode ser inferido pelo visual, não deve ser representado (Netflix, 2024b). Estas duas últimas prescrições estão de acordo com o que se encontra nas pesquisas de recepção de Araújo e Nascimento (2011) no projeto de recepção MOLES¹⁵, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e nas pesquisas de Nascimento (2013, 2018) e de Díaz-Cintas e Remael (2021), que também descrevem que legendistas estão realizando as traduções de sons e ruídos que têm função ligada à trama do filme e que não podem ser inferidos visualmente. O guia recomenda ainda que as traduções de sons sejam o mais concisas possível, por exemplo, ao invés de “[garoto imitando o som de um sapo coaxando]”, que seja utilizado “[garoto imita sapo]”; ou também, em lugar de “[burburinho típico de cidade grande]”, o legendista deve optar por “[ruído urbano]” (Netflix, 2024b).

2.6 LINGUÍSTICA DE CORPUS

A metodologia escolhida para esta pesquisa é a *Linguística de Corpus* (LC), amplamente utilizada em diversos estudos relacionados à análise da convencionalidade em legendas descritivas ou em LSE (Assis, 2016; Araújo; Chaves,

¹⁵ A pesquisa intitulada *Em busca de um modelo de legendagem para surdos para o Brasil* (Projeto MOLES ou *Modelo de Legendagem para Surdos*), realizada entre 2009 e 2012, visou desenvolver um modelo de legendagem que atendesse às necessidades dos surdos brasileiros (Araújo; Vieira; Monteiro, 2013). Conforme relatado por Araújo, Vieira e Monteiro (2013), o estudo de recepção envolveu surdos de diferentes regiões do Brasil e utilizou curtas-metragens de cineastas cearenses como corpus.

2011; Nascimento, 2017). Esta escolha metodológica visa atender ao objetivo de identificar frequências de uso na representação de sons da natureza realizada por legendistas em português brasileiro na série *Cidade Invisível*. Conforme Berber Sardinha (2000, p. 325),

a Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística.

Antes dependente de um imenso trabalho manual de coleta e processamento de *corpora*, pesquisadores utilizaram esta abordagem durante boa parte do século XX para a descrição de linguagem e ensino de línguas. No contexto de surgimento da Gramática Gerativa Chomskyana, por volta da década de 1950, e com a retomada de força do racionalismo na linguagem, apareceram críticas ferrenhas à pesquisa baseada em *corpus* devido à falta de confiabilidade e consistência nas análises, que, até então, eram feitas de forma manual (Berber Sardinha, 2000). Entretanto, desde os anos 1980, a popularização do computador e seu uso nos laboratórios de linguagem dos centros de pesquisa — acompanhado do desenvolvimento de programas de computador para etiquetagem, análise e processamento — mudou este cenário, estabelecendo a LC como uma metodologia utilizada em diferentes ramos da linguística, como a sintaxe e a fonologia (Berber Sardinha, 2000).

No século XXI, a abordagem da LC emerge como uma abordagem importante no desenvolvimento de estudos em diversas áreas da descrição linguística e da Linguística Aplicada, caracterizando-se como uma metodologia empírica que se propõe a validar pesquisas e orientar futuros desdobramentos por meio da disponibilidade de *corpora*. Conforme Tagnin, Finatto e Fromm (2021), estudos baseados em corpora, tanto de forma indireta (*corpus based*) quanto direta (*corpus driven*), proliferaram fortemente nos últimos anos, fortalecendo a tendência de empirismo e verificação de dados reais de língua, com os estudos indiretos servindo para comprovar e exemplificar pressuposições levantadas pelo pesquisador, e os diretos utilizando o próprio corpus como ponto de partida para a formulação de hipóteses, muitas vezes inéditas.

Os *corpora*, que são coleções de textos autênticos meticulosamente organizados para estudos e interpretáveis por máquinas, podem ser acessados tanto via *internet* quanto *offline*, sendo que muitos dos últimos são frequentemente *corpora* especializados reunidos por estudiosos de acordo com suas metas, denominados

corpora personalizados (Tagnin, 2015). Conforme Tagnin (2015), a organização metódica dos *corpora* é crucial para garantir que os textos reunidos sejam representativos do domínio que se pretende estudar e provenham de fonte segura, pois, caso contrário, os resultados podem não ser confiáveis.

2.6.1 Convencionalidade

Conforme Nascimento (2018) argumenta, o desenvolvimento de convenções de tradução intersemiótica pode criar construções linguísticas que se tornam socialmente convencionadas, acarretando uma leitura mais rápida e em um maior processamento cognitivo. A autora baseia sua pesquisa na ideia de que legendas com tradução de sons convencionadas devido à alta frequência de uso pelos legendistas seriam recebidas como uma construção linguística convencionada pelos espectadores com surdez e, então, processadas mais rapidamente pelo cérebro, o resultando em um processamento cognitivo mais eficiente. Com base nessa linha de raciocínio, é essencial apresentar uma visão ampla das ideias centrais que fundamentam o conceito de convencionalidade, fraseologismo e colocações.

A noção de fraseologismo é amplamente discutida na literatura sobre linguística, mas a definição do termo varia entre os estudiosos. Segundo Gries (2008), uma definição rigorosa de fraseologismo deve considerar pelo menos seis parâmetros principais: a natureza dos elementos envolvidos; o número de elementos; a frequência mínima de ocorrência; a distância tolerável entre os elementos; o grau de flexibilidade lexical e sintática; e o papel da unidade semântica e da não composicionalidade semântica (Gries, 2008). A partir desses critérios, o autor acima citado propõe uma definição abrangente que considera um fraseologismo como a coocorrência de um item lexical — esteja ele na forma canônica (lema) ou seja outra palavra pertencente ao mesmo lexema — e outros elementos linguísticos, como outro item lexical ou um padrão gramatical — quando um item lexical tem tendência a surgir dentro de uma estrutura gramatical específica. Gries (2008) descreve o que fraseologismos funcionam como uma unidade semântica e apresentam uma frequência de coocorrência dos itens lexicais ou do item lexical com os padrões gramaticais maior que a esperada por acaso.

Tagnin (2013) amplia essa noção ao introduzir a ideia de convencionalidade, representando o “jeito que se diz” ou as “unidades convencionais” consolidadas pelo

uso. Assim, a convencionalidade abarca não só as expressões idiomáticas, mas também padrões de uso estabelecidos e reconhecidos dentro de uma comunidade linguística. Dentro dessa perspectiva, as colocações emergem como um aspecto específico da convencionalidade, evidenciando-se em diversos níveis da língua, desde a arbitrariedade entre significante e significado até os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (Tagnin, 2013). Especificamente no nível sintático, Tagnin (2013) descreve a combinabilidade dos elementos linguísticos como dependente da consagração do seu uso, em que certas palavras tendem a coocorrer devido à familiaridade e aceitação dentro do idioma. Essas combinações, formadas pela base (vocábulo conhecido) e pelo colocado (determinado pela base), exemplificam como as colocações são intrinsecamente ligadas à convencionalidade e, por extensão, à fraseologia.

A abordagem baseada na frequência para lidar com colocações foi iniciada por John Rupert Firth, na década de 1950, embora o termo em si já existisse há muito mais tempo. Firth (1957) desenvolveu o conceito de colocação como uma descrição funcional da linguagem, alinhada com suas teorias gerais de significado, e sua definição de colocação essencialmente envolvia a coocorrência de palavras em proximidade umas das outras.

No campo da linguística, o estudo das colocações revela a maneira como certas palavras tendem a se agrupar de forma natural, sem uma explicação clara ou lógica aparente. Esta área de estudo é crucial para a compreensão das combinações lexicais que conferem fluência e naturalidade ao uso de uma língua. Tagnin (2013) destaca que certas palavras parecem se combinar de forma quase instintiva, sendo que em muitos casos essas combinações são frutos da tradição linguística e do uso consagrado ao longo do tempo, como, por exemplo em português, usamos a expressão “cão e gato” em vez de “cachorro e gato”. Esse fenômeno se deve a convenções linguísticas que foram estabelecidas historicamente e não possuem uma explicação gramatical rígida.

As colocações adjetivas, um subgrupo específico de colocações, referem-se às combinações convencionadas de adjetivos e substantivos, onde tanto o adjetivo quanto o substantivo podem ser convencionados (Tagnin, 2013). Um exemplo de colocação adjetiva em português muito presente em legendagem descritiva é a expressão “música triste”. Já as colocações nominais são aquelas combinações formadas a partir de dois substantivos no qual ao menos um deles é convencionado

(Tagnin, 2013), como exemplo, a expressão “canto de pássaros”, também usual na tradução de sons em legendagem descritiva. Tagnin (2013) descreve o terceiro subgrupo de colocações, denominado de colocações verbais, como aquele que apresenta a junção de verbos e outras categorias gramaticais que formam estruturas cristalizadas na língua, como a estrutura de verbos e substantivos, verbos e substantivos separados por uma preposição, ou ainda verbos seguidos de adjetivos. Exemplos de colocações verbais comuns na legendagem descritiva são “celular tocando” e “rio corre”.

2.6.1.1 *Processamento cognitivo*

Pesquisas agrupadas no trabalho de Wood (2015) corroboram a hipótese de que sequências formulaicas de alta frequência são lidas mais rapidamente, indicando vantagens no processamento linguístico. Arnon e Snider (2010) apresentam uma pesquisa que demonstra que frases compostas por quatro palavras e que são mais frequentes que outras são processadas mais rapidamente, sugerindo que os falantes aprendem e armazenam informações também sobre a frequência de frases. Tremblay et al. (2011) examinam como sequências de palavras frequentemente usadas são armazenadas e processadas holisticamente, demonstrando através de experimentos de leitura autocontrolada e tarefas de recordação de palavras e frases que essas sequências são lidas e lembradas mais rapidamente do que fragmentos de controle não lexicais. Da mesma forma, o trabalho de rastreamento ocular realizado por Siyanova-Chanturia, Conklin e Schmitt (2011) também concluiu que tanto falantes nativos quanto não nativos liam unidades convencionais mais rapidamente.

Coletivamente, esses estudos indicam unanimemente uma velocidade de processamento mais rápida para sequências frequentes em comparação com as menos frequentes, destacando uma vantagem significativa no uso de unidades convencionadas para a comunicação. Portanto, em relação à legendagem para surdos e ensurdecidos, conforme Nascimento (2018, p. 42), “à medida que as traduções de efeitos sonoros forem ganhando espaço como itens convencionados, espera-se que o público-alvo, a partir da recorrência e da automação assimile mais rapidamente e como uma unidade semântica essas traduções.”

2.7 ANÁLISE DAS LEGENDAS

A série de fantasia *Cidade Invisível*, criada em 2021 por Carlos Saldanha e baseada em uma história desenvolvida por Raphael Draccon e Carolina Munhóz, retrata Eric, um policial ambiental que investiga um assassinato após encontrar um boto-cor-de-rosa de água doce morto em uma praia do Rio de Janeiro (Cidade Invisível, 2024; Cidade Invisível, 2023). Em sua primeira temporada, a série acompanha Eric desvendando mortes misteriosas que espelham o trágico destino de sua esposa, e a descoberta da sua própria natureza híbrida e o enfrentamento de Corpo Seco, um espírito maligno que busca vingança contra as entidades da floresta e é o culpado pela morte de Gabriela (Cidade Invisível, 2023).

Na segunda temporada, Eric ressurgue em um santuário na Amazônia, protegido por indígenas e cobiçado por garimpeiros. Lá, ele aprende sobre os esforços de sua filha Luna e da Cuca para trazê-lo de volta à vida. Embora deseje retornar ao Rio com Luna, Eric percebe que ela tem uma missão mais grandiosa a cumprir, e ao tentar protegê-la, ele se torna uma peça-chave no delicado equilíbrio entre a natureza e as entidades místicas (Cidade Invisível, 2023).

Após a extração das legendas dos episódios do seriado, foram filtrados e separados os trechos que fazem parte do grupo semântico de sons da natureza, conforme a classificação de Nascimento (2018).

2.7.1 Análise quantitativa das legendas

Foram coletadas 5191 legendas distribuídas em sete episódios da primeira temporada e cinco episódios da segunda temporada. Foram contadas manualmente as legendas com ocorrência de tradução de efeitos sonoros, que somaram um total de 1623 linhas. A troca de unidade de legendas para linhas foi realizada porque por vezes em uma mesma inserção de legenda, havia duas linhas com tradução de efeitos sonoros, o que, conforme Nascimento (2018), pode comprometer a compreensão do espectador, resultando na omissão de elementos que deveriam ser destacados. Das legendas com efeitos sonoros, foram encontradas 31 do grupo semântico *sons da natureza*, o que corresponde a aproximadamente 1,91% do montante. A porcentagem reduzida da tradução de *sons da natureza*, se comparada com outras categorias como *sons produzidos por humanos*, pode ser explicada pela atitude do legendista em

priorizar os ruídos que interagem com os personagens e provocam reações desses (Nascimento, 2018).

Consideramos que legendas do grupo semântico *sons da natureza* são aquelas que representam ruídos de fenômenos naturais como água, fogo, folhas, terra, trovão e vento (Nascimento, 2018). Para selecionar as legendas que fazem parte do grupo semântico de sons da natureza, foi utilizada como critério a correspondência entre o som original e o texto de partida, ou seja, se o som era de origem natural no áudio em português. A concepção de sons da natureza adotada neste trabalho segue parcialmente a proposta de Nascimento (2018), que os define como aqueles que são produzidos por elementos da natureza, sem intervenção de um animal. Portanto, sons de insetos não foram considerados como sons da natureza, pois são sons de animais, que têm sua própria categoria no estudo de Nascimento (2018). Por outro lado, um som de água pode ser classificado como um som da natureza, dependendo do contexto em que ocorre. Por exemplo, o som de uma cachoeira, um rio ou chuva são sons da natureza, pois são fenômenos naturais, enquanto o som de um chuveiro e de máquina de lavar foram considerados neste estudo como sons de objetos, ainda que sejam causados pela interação com a água.

É importante ressaltar que a classificação dos sons da natureza não se baseou apenas na sua tradução incluir palavras relacionadas ao seu campo semântico, mas principalmente na situação em que eles são emitidos e na origem desse som no texto de partida. Tomando como exemplo, oito das nove ocorrências de legendas com a representação “[ruídos da floresta]” foram desconsideradas por traduzirem sons de insetos da floresta, enquanto apenas uma fazia tradução do ruído produzido por folhas. Também, as duas ocorrências de “[sons da mata]” foram categorizadas no grupo semântico de sons de animais por também estarem ligadas a ruídos de insetos do ambiente florestal.

Tabela 1 – Quantidade e porcentagem de legendas em cada episódio

Temporada	Episódio	Quantidade de legendas	Linhas com efeitos sonoros	Legendas com sons da natureza	Porcentagem das linhas com efeitos sonoros	Porcentagem da quantidade de legendas
1	1	395	130	4	3,08%	1,01%
	2	408	77	4	5,19%	0,98%
	3	384	68	3	4,41%	0,78%
	4	415	91	1	1,10%	0,24%
	5	372	89	3	3,37%	0,81%
	6	369	76	1	1,32%	0,27%
	7	276	150	3	2,00%	1,09%
2	1	642	270	3	1,11%	0,47%
	2	528	182	4	2,20%	0,76%
	3	481	122	3	2,46%	0,62%
	4	335	112	2	1,79%	0,60%
	5	586	256	4	1,56%	0,68%
Total		5191	1623	31	1,91%	0,60%

Fonte: elaborado pelo autor

Quando é observada a quantidade de linhas com efeitos sonoros (1623 linhas), verifica-se que elas correspondem a mais de 30% do total da quantidade de legendas, uma proporção relativamente alta, ainda que se considere que algumas ocorrências de duas linhas de efeitos sonoros constituem uma mesma inserção de legenda. Esta porcentagem significativa em relação a outros *corpora* (Nascimento, 2016, 2017, 2018) pode indicar que algumas legendas contenham tradução de ruídos e músicas supérfluas à trama fílmica, ou ainda, que as diretrizes adotadas na elaboração das legendas foram distintas destes, uma vez que nenhum dos *corpora* das pesquisas anteriormente citadas contém legendas criadas para a plataforma de *streaming* Netflix.

2.7.2 Análise qualitativa das legendas

2.7.2.1 Fogo

Dentre as linhas analisadas, foram encontradas onze ocorrências de traduções de sons da natureza relacionados a fogo, listadas no quadro abaixo com uma captura de tela da cena correspondente.

Quadro 2 – Legendas com sons da natureza relacionados a fogo

Temporada e Episódio	Número da Legenda	Tempo	Cena	Legenda
T01E01	25	00:02:10,042 a 00:02:11,292	 [som de fogueira]	[som de fogueira]
T01E05	354	00:27:08,708 a 00:27:10,292	 [ruídos de floresta e fogo]	[ruídos de floresta e fogo]
T01E05	361	00:29:07,125 a 00:29:08,792	 [som de fogo]	[som de fogo]
T02E01	7	00:00:18,167 a 00:00:19,750	 [chamas crepitando]	[chamas crepitando]
T02E01	500	00:39:06,500 a 00:39:09,125	 - [chamas crepitando] - [sons de bichos da floresta]	- [chamas crepitando] - [sons de bichos da floresta]

T02E02	88	00:05:48,833 a 00:05:50,833		[fogo crepitando]
T02E03	453	00:33:35,667 a 00:33:37,250		[fogo crepita]
T02E03	461	00:34:02,375 a 00:34:04,208		[fogo crepitando]
T02E04	16	00:02:04,667 a 00:02:06,792		[fogo crepitando]
T02E05	358	00:24:52,208 a 00:24:54,417		- [música intensifica] - [chamas crepitando]

T02E05	359	00:25:04,833 a 00:25:07,500		- [segue música tensa] - [seguem chamas crepitando]
--------	-----	-----------------------------------	--	--

Fonte: elaborado pelo autor

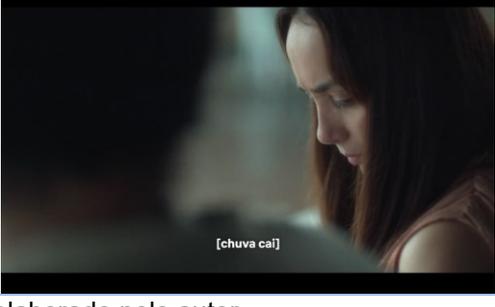
Enquanto em algumas cenas (por exemplo, T01E05 – 361, T02E03 – 453 e T02E04 – 16) a tradução do som cumpre seu papel de representar um som acusmático e que não pode ser inferido visualmente, em outras, a legenda é redundante e descreve um som que é facilmente compreendido pela percepção visual do que é exibido na tela (por exemplo, T01E05 – 354 e T02E03 – 461), contrariando as recomendações sugeridas por Araújo e Nascimento (2011) no projeto MOLES de recepção de legendas e também as recomendações do *Guia de Estilo de Legendagem da Netflix* (Netflix, 2024b).

Percebe-se uma diferença em como o som do fogo é traduzido na primeira e na segunda temporada. Enquanto nos episódios da primeira temporada a tradução mais recorrente é uma colocação nominal formada pela palavra “som” ou “ruídos”, a preposição “de” e o substantivo “fogo”, na segunda temporada este ruído foi traduzido na maioria das vezes como “chamas crepitando”. A opção pela retirada da expressão “som de” é benéfica pois, conforme Nascimento (2018), palavras que remetem a “som de” ou “ruído de” não são recomendadas para serem utilizadas, dado que, se uma das funções da legenda descritiva é a tradução de sons e se, conforme as convenções estabelecidas na plataforma, estes serão indicados entre colchetes, não há necessidade de reafirmar que a frase exibida na legenda se trata de uma tradução de som. É interessante notar que, na segunda temporada, a maior parte das legendas de fogo é composta por uma colocação verbal formada por oração reduzida com verbo no gerúndio, o que, de acordo com o *Guia de Estilo* da Netflix, indicaria a continuidade do som mesmo após o desaparecimento da legenda (Netflix, 2024b).

2.7.2.2 Chuva

Quatro ocorrências da tradução do som de chuva foram identificadas no *corpus* analisado. Havia, além destas, uma ocorrência de legenda com a expressão “[ruídos de tempestade]”, que, pelo som produzido e pelo contexto da cena, constatou-se que não estaria agrupada nesta categoria.

Quadro 3 – Legendas com sons da natureza relacionados a chuva

Temporada e Episódio	Número da Legenda	Tempo	Cena	Legenda
T02E02	243	00:17:25,917 a 00:17:27,917		[chuva caindo]
T02E02	302	00:20:49,625 a 00:20:51,792		- [chuva caindo] - [música sombria continua]
T02E02	402	00:25:45,833 a 00:25:47,833		[chuva caindo]
T02E03	410	00:29:39,167 a 00:29:40,333		[chuva cai]

Fonte: elaborado pelo autor

A tradução mais comum deste *corpus* para o som emitido pelo fenômeno natural da precipitação é a colocação verbal formada pelo substantivo “chuva” e o verbo “cair”. Das quatro ocorrências de traduções de som relacionadas a chuva, três apresentam-se como colocações verbais de oração reduzida com verbo no gerúndio, reforçando a ideia de continuidade do som após o desaparecimento da legenda (Netflix, 2024b). A tradução na legenda 410, em T02E03, segue a estrutura de uma oração no presente do indicativo, em conformidade com o encontrado nos *corpora* de pesquisa de Nascimento (2018).

2.7.2.3 Trovões

Foram encontradas no *corpus* quatro ocorrências de legendas de sons da natureza que correspondem à tradução de sons de trovões, apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 4 – Legendas com sons da natureza relacionados a trovões

Temporada e Episódio	Número da Legenda	Tempo	Cena	Legenda
T01E03	4	00:00:57,500 a 00:00:59,500		[trovoadas]
T01E03	7	00:01:25,125 a 00:01:26,542		[trovoadas]

T01E07	8	00:01:16,208 a 00:01:17,500		[trovoada]
T02E04	218	00:18:28,125 a 00:18:30,125		[trovoadas]

Fonte: elaborado pelo autor

Todas os sons de trovões na série *Cidade Invisível* foram traduzidos com um único substantivo, o que demonstra que apenas o nome do fenômeno é suficiente para traduzir seu som e que nenhum adjunto, como “som de” e “ruídos de” seria necessário para explicitar a informação completa. Em três legendas, utilizou-se o substantivo “trovoadas”, no plural, anunciando que o ruído descrito se referia a mais de uma ocorrência de trovão.

2.7.2.4 Vento

No conjunto de linhas selecionadas, foram identificadas nove representações do fenômeno do vento, as quais estão listadas no quadro abaixo, acompanhadas de uma captura de tela da cena correspondente.

O grupo da tradução dos sons de vento foi um dos mais diversos em termos de estrutura das frases. Nesta subcategoria, encontrou-se traduções com um único substantivo (T01E01 – 377), colocações nominais compostas pela expressão “ruídos de” (T01E01 – 328, T01E07 – 19 e T01E07 – 253), além de colocações verbais com orações reduzidas com verbo na forma nominal do gerúndio (T01E05 – 211, T01E06 – 14, T02E01 – 48 e T02E05 – 489).

Quadro 5 – Legendas com sons da natureza relacionados a vento

Temporada e Episódio	Número da Legenda	Tempo	Cena	Legenda
T01E01	328	00:27:13,750 a 00:27:15,042		[ruídos de tempestade]
T01E01	377	00:32:23,792 a 00:32:24,667		[ventania]
T01E05	211	00:17:26,667 a 00:17:27,917		[vento soprando]
T01E06	14	00:01:47,375 a 00:01:48,583		[vento soprando]
T01E07	19	00:04:11,542 a 00:04:13,542		[ruídos de ventania]

T01E07	253	00:25:43,292 a 00:25:44,958		[ruídos de ventania]
T02E01	48	00:02:11,417 a 00:02:12,667		[redemoinho passando]
T02E05	489	00:36:19,45 a 00:36:21,458		[vento soprando]

Fonte: elaborado pelo autor

Novamente, encontra-se a presença de cenas (por exemplo, T01E07 - 253) em que a tradução desempenha adequadamente o papel de representar sons acusmáticos que não são inferidos visualmente. No entanto, na maior parte das traduções do som de vento, as legendas tornam-se redundantes ao descreverem sons que podem ser claramente percebidos visualmente na tela, como o efeito especial do pó arrastado pela ventania produzida pelo personagem Saci na legenda 19 de T01E07, e na legenda 48 de T02E01.

2.7.2.5 Água

Optou-se por organizar em subgrupos distintos as traduções que tratavam do fenômeno da precipitação (chuva) e os ruídos relativos à água proveniente de rios, lagos, mares ou outros objetos, totalizando neste último subgrupo cinco ocorrências.

Quadro 6 – Legendas com sons da natureza relacionados a água

Temporada e Episódio	Número da Legenda	Tempo	Cena	Legenda
T01E01	324	00:26:12,167 a 00:26:14,167	 [som de água escorrendo]	[som de água escorrendo]
T01E02	2	00:00:27,500 a 00:00:29,500	 [som de água correndo]	[som de água correndo]
T01E02	377	00:34:58,875 a 00:35:00,083	 [ruído de ondas batendo]	[ruído de ondas batendo]
T01E03	1	00:00:07,500 a 00:00:08,542	 [som de mar]	[som de mar]
T01E04	390	00:31:48,042 a 00:31:50,292	 [som de água derramando]	[som de água derramando]

Fonte: elaborado pelo autor

Todas as traduções classificadas como sons de água foram identificadas como colocações nominais que utilizaram a estrutura de locução substantiva com a

expressão “som de” ou “ruído de” seguida do elemento que estava produzindo o ruído. Para minimizar o excesso de informações na tela, seria recomendável omitir expressões como “som de” e “ruído de” em todas as legendas. Adicionalmente, nas legendas 377 de T01E02 e 390 de T01E04, os verbos deveriam estar no presente do indicativo para indicar que os ruídos são instantâneos e não se estendem além da mudança de legenda, conforme indica o guia de estilo da plataforma de *streaming* (Netflix, 2024b) . Por outro lado, nas legendas 324 de T01E01 e 390 de T01E04, o uso das orações reduzidas de gerúndio é apropriado para transmitir a continuidade dos sons. As sugestões aqui manifestadas resultariam em colocações verbais frequentes na língua portuguesa, como “água escorrendo”, “água corre” e “água derramando”.

2.7.2.6 Folhas

A última categoria analisada se refere ao som de folhas, que contou com somente duas ocorrências.

Quadro 7 – Legendas com sons da natureza relacionados a folhas

Temporada e Episódio	Número da Legenda	Tempo	Cena	Legenda
T01E02	18	00:02:34,583 a 00:02:36,583		[ruídos de floresta]
T02E05	481	00:34:10,250 a 00:34:12,250		[folhas farfalhando]

Fonte: elaborado pelo autor

Inicialmente, a primeira tradução de som listada, no quadro acima, parecia pertencer ao grupo semântico de sons de animais, tal como as demais ocorrências de “ruídos da floresta”. Contudo, uma análise mais detalhada revelou que ela corresponde ao som de “folhas farfalhando”, razão pela qual foi classificada nesta categoria específica. Este tipo de tradução, que generaliza o som com base no ambiente, mas não especifica o causador do ruído, pode acabar gerando dúvidas na audiência que assiste e que não tem acesso ao canal de comunicação sonoro. Por essa razão, uma sugestão que poderia substituir a legenda 18 de T01E02 com mais eficiência seria a colocação nominal “[farfalhar de folhas]”. A segunda tradução, já mais próxima da proposta relatada, é, assim como muitas outras representações de sons da natureza nesta série, uma oração reduzida com verbo no gerúndio.

3 CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso buscou analisar as estratégias de tradução de sons da natureza na legendagem descritiva da série *Cidade Invisível*, disponível na plataforma de *streaming* Netflix. A partir de um corpus composto por doze episódios, sete da primeira temporada e cinco da segunda, legendados em português brasileiro, foram identificadas e classificadas as traduções do grupo semântico de sons da natureza na busca de uma frequência de uso que sugerisse alguma convencionalidade.

Buscando atender ao primeiro objetivo específico proposto, na seção 2.3.1, foram listados alguns instrumentos legislativos que argumentam sobre a importância da inserção de legendagem descritiva em obras audiovisuais e fornecem regras sobre em quais situações este recurso deve ser ofertado. A seção 2.5 teve como principal meta atender ao segundo objetivo específico proposto, levantando informações acerca dos principais guias e normativas de legendagem descritiva aplicáveis à série analisada e de que forma estes guiavam ou sugeriam como a tradução de sons deveria ser realizada. Por fim, aplicou uma metodologia de análise de corpus baseada em categorias semânticas para classificar e quantificar as ocorrências de sons da natureza na série *Cidade Invisível*, para assim, atingir ao terceiro objetivo específico proposto neste trabalho.

Os resultados da pesquisa mostraram que os sons da natureza são traduzidos de diferentes formas, dependendo do contexto, da função e do efeito sonoro, e que, ao menos na série analisada, há uma tendência a traduzi-los com colocações verbais compostas por orações reduzidas com verbos no gerúndio e colocações nominais formadas por locuções substantivas, geralmente iniciada por “som de” ou “ruído de”.

Observa-se que os sons de chuva foram consistentemente traduzidos por meio de colocações verbais, enquanto os trovões foram uniformemente representados por um único substantivo. Além disso, os sons de água, apesar de não serem muito frequentes, tiveram suas traduções no formato de colocações nominais. Verificou-se que as legendas descritivas seguem parcialmente as orientações dos guias consultados, mas também apresentam algumas divergências das diretrizes analisadas, inclusive em relação à da própria plataforma de *streaming*, tanto na necessidade de tradução ou não — devido à possibilidade de inferência visual do som — quanto em relação à estrutura gramatical utilizada —, como nos casos em que o

guia da *Netflix* recomenda que se utilize prioritariamente o presente do indicativo e que o gerúndio seja utilizado somente quando o som segue sendo emitido mesmo após o desaparecimento da legenda.

Embora, ainda na fase de projeto de trabalho de conclusão de curso, a expectativa fosse de encontrar padrões de tradução nas categorias analisadas, os achados do estudo indicam que não existem combinações particulares padronizadas que possam ser aplicadas na tradução. Pelo contrário, as poucas ocorrências de sons da natureza no *corpus* analisado sugerem que provavelmente há uma variedade maior de colocações utilizadas na tradução de sons em legendas descritivas do que a prevista inicialmente. No entanto, foi observada uma tendência de uso de certas construções gramaticais e categorias de colocações em função do som dos fenômenos naturais traduzidos, conforme já exposto anteriormente.

Deste modo, recomenda-se que estudos futuros expandam o conjunto de dados a serem analisados e observem a frequência de uso na tradução de diferentes tipos de sons, não apenas aqueles relacionados à natureza de modo a observar se há uma relação entre o grupo semântico do som e as estruturas gramaticais utilizadas para representá-los. Seria proveitoso também comparar as legendas descritivas em diferentes idiomas e examinar as estruturas recorrentes em categorias similares, com o objetivo de detectar padrões gramaticais adotados pelos legendistas ao traduzir sons. Além disso, incentiva-se que pesquisas futuras envolvendo estudos de recepção com os espectadores com surdez verifiquem se o emprego de colocações comuns na língua portuguesa nas legendas descritivas realmente contribuiria para o incremento na velocidade de leitura e compreensão dos textos, considerando que muitos indivíduos identificados grupo não têm o português como primeira língua e como sua língua de conforto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ALVES, Soraya Ferreira. Tradução Audiovisual Acessível (TAVa): audiodescrição, janela de Libras e legendagem para surdos e ensurdecidos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 56, nº 2, p. 305–315, ago. 2017. DOI 10.1590/010318138650164304021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000200001&lng=pt&tlng=pt.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15290**: Acessibilidade em comunicação na televisão – artigo em publicação periódica técnica e/ou científica – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.

ANCINE. **Instrução Normativa nº 165, de 29 de setembro de 2022**. Dispõe sobre normas gerais e critérios básicos de acessibilidade visual e auditiva, a serem observados nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/instrucoes-normativas/instrucao-normativa-no-165> . Acesso em 24 mar. 2024.

ANCINE flexibiliza regras de acessibilidade nas salas de cinema. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 out. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/noticia/2022/10/ancine-flexibiliza-regras-de-acessibilidade-nas-salas-de-cinema.ghtml>. Acesso em 24 mar. 2024.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; CHAVES, Élide Gama. Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE): A segmentação na LSE de filmes brasileiros em DVD. **Cultura & Tradução**, vol. 1, nº 1, 2011.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa do. Investigando Parâmetros de Legendas para Surdos e Ensurdecidos no Brasil. **Tradução em Revista**, vol. 2011, nº 11, 28 dez. 2011. DOI 10.17771/PUCRio.TradRev.18862. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=18862@1.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; VIEIRA, Patrícia Araújo; MONTEIRO, Silvia Malena Modesto. Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): Um estudo de recepção com surdos da região Sudeste. **Tradterm**, vol. 22, p. 283, 17 dez. 2013. DOI 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2013.69132. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69132>.

ARNON, Inbal; SNIDER, Neal. More than words: Frequency effects for multi-word phrases. **Journal of Memory and Language**, vol. 62, nº 1, p. 67–82, jan. 2010. <https://doi.org/10.1016/j.jml.2009.09.005>.

ASSIS, Ítalo Alves Pinto de. **Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE): análise baseada em corpus da segmentação linguística em Amor Eterno Amor**. 2016. Dissertação – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84226>.

BERBER SARDINHA, Tony. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, vol. 16, nº 2, p. 323–367, 2000. DOI 10.1590/S0102-44502000000200005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=pt&tlng=pt.

BRASIL. **Portaria 310 de 27 de 2 de dezembro de 2004**. Ministérios das Comunicações. Norma Complementar nº 01/2006 – Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens de retransmissão de televisão. Brasília: Ministério das Comunicações, 2004. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/comunicacao/rede-legislativa-radio-tv/arquivos/legislacao-arquivos/portarias-ministerio/portaria-no-310-27jun2006/view>. Acesso em 24 mar. 2024

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília: Presidência da República, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 04 abr. 2024.

BRASIL, 2015, **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 24 mar. 2024.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4848, de 2019**. Altera a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, para dispor sobre a inclusão da tecnologia assistiva de legendagem descritiva em obras audiovisuais. Brasília: Senado, 2019. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/138499>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 5145, de 2020**. Altera a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), para determinar a inclusão de legendagem descritiva em filmes exibidos em salas de cinema. Brasília: Senado, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/145405>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.768, de 22 de dezembro de 2023**. Define deficiência auditiva e estabelece valor referencial da limitação auditiva. Brasília: Presidência da República, 2023a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/L14768.htm. Acesso em 01 maio 2024.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 680, de 2023**. Institui a obrigatoriedade de legenda descritiva nas transmissões de TV, cinema e na internet. Brasília: Câmara dos Deputados, 2023b. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2349360>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CHAUME, Frederic. An overview of audiovisual translation: Four methodological turns in a mature discipline. **Journal of Audiovisual Translation**, vol. 1, nº 1, p. 40–63, 14 nov. 2018. DOI 10.47476/jat.v1i1.43. Disponível em: <http://jatjournal.org/index.php/jat/article/view/43>.

CHION, Michel. Audio-vision: sound on screen. Tradução de Claudia Gorbman. Nova Iorque: Columbia University Press, 2019.

CIDADE INVISÍVEL. [S.l.]: Netflix, 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80217517>. Acesso em: 12 abr. 2024.

CIDADE INVISÍVEL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cidade_Invis%C3%ADvel&oldid=67784242. Acesso em: 13 jun. 2024.

CONNELL, Bettye Rose; JONES, Mike; MACE, Ron; MUELLER, Jim; MULLICK, Abir; OSTROFF, Elaine; SANFORD, Jon; STEINFELD, Ed; STORY, Molly; VANDERHEIDEN, Gregg. **The Principles of Universal Design**. [S. l.: s. n.], 1997.

DIAZ-CINTAS, Jorge. Audiovisual Translation Today - A question of accessibility for all. **Translating Today** 4, p. 3–5, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314261855>.

DIAZ-CINTAS, Jorge. Subtitling: the long journey to academic acknowledgement. **The Journal of Specialised Translation**, vol. 1, p. 50–68, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314261942>.

DÍAZ-CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. **Subtitling: Concepts and Practices**. 1ª. Nova Iorque: Routledge, 2021. Disponível em: <http://routledgetranslationstudiesportal.com/>.

FARIA, Núbia Guimarães; SILVA, Daniel Carvalho. Legendas e Janelas: questão de acessibilidade. **Revista Sinalizar**, vol. 1, nº 1, p. 65, 1 fev. 2016. DOI 10.5216/rs.v1i1.36156. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36156>.

FIRTH, John Rupert. **Papers in Linguistics: 1934 - 1951**. 3ª reimpressão. Londres: Oxford University Press, 1957.

FLÜCKIGER, Barbara. Sound effects: strategies for sound effects in film. In: HARPER, Graeme; DOUGHTY, Ruth; EISENTRAUT, Jochen (orgs.). **Sound and Music in Film and Visual Media: an Overview**. Nova Iorque: Continuum, 2009. p. 151–179. DOI 10.5167/uzh-29905. Disponível em: www.zora.uzh.ch.

GRECO, Gian Maria. The nature of accessibility studies. **Journal of Audiovisual Translation**, vol. 1, nº 1, p. 205–232, 14 nov. 2018. DOI 10.47476/jat.v1i1.51. Disponível em: <http://jatjournal.org/index.php/jat/article/view/51>.

GRECO, Gian Maria; JANKOWSKA, Anna. Media Accessibility Within and Beyond Audiovisual Translation. [S. l.: s. n.], 2020. p. 57–81. DOI 10.1007/978-3-030-42105-2_4. Disponível em: https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-42105-2_4.

GRIES, Stefan Th. Phraseology and linguistic theory: A brief survey. **Phraseology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 3–25. DOI 10.1075/z.139.06gri. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/z.139.06gri>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, [2010]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 04 abr. 2024.

IBGE. [Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua]. **Pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2023. 15 p. Nota técnica 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102013>. Acesso em: 16 abr. 2023.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

LEGENDA NACIONAL. **Legenda Nacional**. Disponível em: <https://www.legendanacional.com.br/>. Acesso em 01 maio 2024.

MANGIRON, Carme. Reception of game subtitles: an empirical study. **The Translator**, vol. 22, nº 1, p. 72–93, 2 jan. 2016. DOI 10.1080/13556509.2015.1110000. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13556509.2015.1110000>.

MARTINEZ, Sabrina Lopes. Derrubando pilares: como o rigor científico transformou a investigação empírica em TAV. **Translation Matters**, vol. 3, nº 1, p. 139–154, 17 jul. 2021. DOI 10.21747/21844585/tm3_1a9. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tm/article/view/10308/9766>.

MAYORAL, Roberto; KELLY, Dorothy; GALLARDO, Natividad. Concept of Constrained Translation. Non-Linguistic Perspectives of Translation. **Meta**, vol. 33, nº 3, p. 356–367, 30 set. 1988. DOI 10.7202/003608ar. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/003608ar>.

NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa do. As onomatopeias na legendagem para surdos e ensurdecidos do filme Asterix et Obelix: Mission Cleopatre. **Revista de Estudos Universitários - REU**, vol. 42, nº 1, 10 ago. 2016. DOI 10.22484/2177-5788.2016v42n1p69-94. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/2479>.

NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa do. **Convencionalidade nas legendas de efeitos sonoros na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE)**. 2018. Tese – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa do. **Linguística de Corpus e Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE): uma análise baseada em corpus da tradução**

de efeitos sonoros na legendagem de filmes brasileiros em DVD. 2013. Dissertação – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa do. Traduzindo Sons em Palavras nas Legendas para Surdos e Ensurdidos: uma abordagem com linguística de corpus. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 56, nº 2, p. 561–587, ago. 2017. DOI 10.1590/010318138649221274641. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000200011&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 abr. 2024.

NAVES, Sylvia Bahiense; MAUCH, Carlos; ALVES, Soraya Ferreira; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis.** Brasília: [s. n.], 2016.

NETFLIX. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024a. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Netflix&oldid=67700275>. Acesso em: 04 abr. 2024.

NETFLIX. **Brazilian Portuguese Timed Text Style Guide.** Disponível em: <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215600497-Portuguese-Brazil-Timed-Text-Style-Guide>. Acesso em 04 abr. 2024b.

NEVES, Josélia. **Audiovisual Translation: Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing.** 2005. Tese – Roehampton University, 2005.

NEVES, Josélia. Subtitling for Deaf and Hard of Hearing Audiences: Moving forward. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis (org.). **The Routledge Handbook of Audiovisual Translation.** 1º ed. [S. l.]: Routledge, 2019. p. 82–95.

NIKOLIC, Kristijan; BYWOOD, Lindsay. Audiovisual Translation: The Road Ahead. **Journal of Audiovisual Translation**, vol. 4, nº 1, p. 50–70, 2021. DOI 10.47476/jat.v4i1.2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47476/jat.v4i1.2021>.

OLIVEIRA, Samuel Levi Silva de,. **A Influência da Tradução dos Efeitos Sonoros Durante a Recepção de Legendas para Surdos e Ensurdidos (LSE) por Espectadores Surdos em um Filme de Ação.** 2022. Dissertação – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

O’SULLIVAN, Carol; CORNU, Jean-François. History of audiovisual translation. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis (org.). **The Routledge Handbook of Audiovisual Translation.** 1º ed. [S. l.]: Routledge, 2019. p. 15–30.

PEREGO, Elisa; PACINOTTI, Ralph. Audiovisual Translation through the Ages. In: BOGUCKI, Łukasz; DECKERT, Mikołaj (orgs.). **The Palgrave Handbook of Audiovisual Translation and Media Accessibility.** [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2020. p. 33–56. DOI 10.1007/978-3-030-42105-2_3. Disponível em: https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-42105-2_3.

PERES, Tuan. **Legendagem tradicional e seus parâmetros técnicos: uma estratégia formal de tradução audiovisual**. 2023. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

REMAEL, Aline. Audiovisual translation. *In*: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (orgs.). **Handbook of Translation Studies**. Handbook of Translation Studies. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. vol. 1, p. 12–17. DOI 10.1075/hts.1. Disponível em: <http://www.jbe-platform.com/content/books/9789027273765>.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Da Margem ao centro: preparando um novo campo de debate e reflexão. **Revista da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis**, Rio de Janeiro, n. 42. Dez. - Fev. 2011.

RODRIGUES, Carlos Henrique; TASSARA, Vitória; PERES, Tuan. Dinâmicas de construção de saberes na intersecção extensão-pesquisa-ensino: parametrização de legendagem no Projeto Première Acessível. *In*: SANTOS, Silvana Aguiar dos; RODRIGUES, Carlos Henrique (orgs.). **Traduções, Culturas e Comunidades: Singularidades e pluralidades em (des)encontros do eu com os outros**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 275–306.

ROMERO-FRESCO, Pablo; DANGERFIELD, Kate. Accessibility as a Conversation. **Journal of Audiovisual Translation**, vol. 5, nº 2, p. 15–34, 2022. DOI 10.47476/jat.v5i2.2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47476/jat.v5i2.2022>.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres; ANDRADE, Cristiane Esteves de. Surdez e Sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social. *In*: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (orgs.). **Libras em estudo: Política Linguística**. São Paulo: Feneis, 2013. p. 145–163.

SIYANOVA-CHANTURIA, Anna; CONKLIN, Kathy; SCHMITT, Norbert. Adding more fuel to the fire: An eye-tracking study of idiom processing by native and non-native speakers. **Second Language Research**, vol. 27, nº 2, p. 251–272, 2011. <https://doi.org/10.1177/0267658310382068>.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. A Linguística de Corpus na e para a Tradução. *In*: VIANA, Vander (org.). [S. l.]: HUB Editorial, 2015.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **O jeito que a gente diz - combinações consagradas em inglês e português**. Ed. rev. e ampl. Barueri: Disal Editora, 2013.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiller; FINATTO, Maria José Bocorny; FROMM, Guilherme. Linguística de Corpus: conquistas e desafios. **Revista de Estudos da Linguagem**, vol. 29, nº 2, p. 661, 19 mar. 2021. DOI 10.17851/2237-2083.29.2.661-671. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18234>.

TREMBLAY, Antoine; DERWING, Bruce; LIBBEN, Gary; WESTBURY, Chris. Processing Advantages of Lexical Bundles: Evidence From Self-Paced Reading and

Sentence Recall Tasks. **Language Learning**, vol. 61, nº 2, p. 569–613, jun. 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2010.00622.x>.

UDO, J. P.; FELS, D. I. The rogue poster-children of universal design: Closed captioning and audio description. **Journal of Engineering Design**, vol. 21, nº 2–3, p. 207–221, abr. 2010. <https://doi.org/10.1080/09544820903310691>.

UDO, John Patrick; FELS, Deborah I. The rogue poster-children of universal design: closed captioning and audio description. **Journal of Engineering Design**, vol. 21, nº 2–3, p. 207–221, 5 jun. 2010. DOI 10.1080/09544820903310691. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09544820903310691>.

WOOD, David. **Fundamentals of Formulaic Language: An Introduction**. 1º ed. [S. l.]: Bloomsbury Academic, 2015.

ZABALBEASCOA, Patrick. The nature of the audiovisual text and its parameters. **The Didactics of Audiovisual Translation**. [S. l.: s. n.], 2008. p. 21–37. DOI 10.1075/btl.77.05zab. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/btl.77.05zab>.